

R E V I S T A D E
ARQUEOLOGIA

ASSEMBLEIA DISTRIITAL DE LISBOA 1995



NESTE NÚMERO

Arruda dos Vinhos - Notas arqueológicas • A fortificação pré-histórica de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) - 2.^a parte • A ocupação pré-histórica do Alto de Sete Moinhos (Lisboa) • A *villa* romana de Freiria (Cascais) e o seu enquadramento rural • Duas intervenções arqueológicas em Lisboa (R. da Madalena e R. do Ouro) • Escavações arqueológicas da A. D. L. — A Igreja das Virtudes (Aveiras de Baixo, Azambuja).

A *villa* romana de Freiria (Cascais) e o seu enquadramento rural *

Guilherme Cardoso
José d'Encarnação

Pretendemos com esta comunicação dar sucinta conta da nossa experiência tanto no âmbito da prospecção como no da escavação propriamente dita.

Trabalhamos, de facto, há bastantes anos no concelho de Cascais, conhecemos bastante bem o seu território e pareceu-nos útil, por isso, partilharmos as conclusões a que já lográmos chegar.

Podemos dizer que a área hoje pertencente ao concelho se distribui por duas zonas distintas tanto do ponto de vista orográfico como da fertilidade do solo: a metade nascente vem no seguimento dos excelentes terrenos de cultivo, de qualidade A, do vizinho concelho de Oeiras, bem adaptado às culturas cerealiíferas; a metade poente estende-se por uma sucessão de colinas onde os terrenos de cultura alternam com encostas revestidas de mato (1), cujo elemento dominante é, sem dúvida, o carrasco.

A fertilidade do solo constitui, por conseguinte, característica saliente.

Para além disso, é inegável a situação estratégica que todo o território sempre deteve como sentinela do estuário do Tejo (2).

Finalmente, a proximidade de *Olisipo*, porto de mar, grande centro de comércio e de consumo (3), desempenhou também papel relevante no desenvolvimento local.

É apenas por uma necessidade metodológica que nos circunscrevemos ao território do actual município de Cascais; na verdade, o panorama que vamos traçar poderá aplicar-se, *mutatis mutandis*, aos vizinhos territórios de Sintra, como podemos depreender dos estudos já efectuados por Cardim Ribeiro (vide nota 7), e de Oeiras.

Começaremos por traçar um panorama da distribuição das *villae* no espaço considerado, para

nos demorarmos depois na análise espacial da *villa* de Freiria.

1. O PANORAMA DA DISTRIBUIÇÃO DAS *VILLAE*

Uma simples observação do mapa que apresentamos vai permitir-nos dizer que apenas três dos sítios assinalados - Cascais, Alapraia e Espigão das Ruivas - se situam a uma altitude inferior a 50 metros do nível do mar. Na realidade, a maioria (oito) tem uma cota entre os 50 e os 100 metros e só quatro (Miroiços da Malveira, Casal do Clérigo, Outeiro e Alto do Cidreira) excedem a cota dos 100 metros de altitude. Ou seja, as médias altitudes são as preferidas, as plataformas planálticas sobranceiras ao território envolvente, designadamente encostadas a ribeiras, tal como preceitua Columela (1, 4, 10): numa eminência de terreno, a meia-encosta.

Por outro lado, se aplicarmos a teoria dos polígonos de Thiessen, verificamos que a média da distância entre as *villae* consideradas se situa a cerca de uma milha. Há um mínimo de meia milha e um máximo de duas milhas.

Essa distribuição tem a ver - obviamente - com as condições agrícolas do solo, mormente com a presença de cursos de água ou de mananciais abundantes. Vemo-lo, por exemplo, nos Casais Velhos a que a água chegava da colina vizinha por meio dum aqueduto ainda hoje visível no terreno; conhecemo-lo, através da tradição, em relação ao Alto do Cidreira; está sobejamente documentado em relação a Freiria.

* Reproduz-se aqui - com leves actualizações e correcção das inúmeras gralhas que apresentou - o texto publicado em *Studia Historica - Historia Antigua*, Salamanca, X-XI, 1992-1993, pp. 203-217.

Trata-se da comunicação feita, em Janeiro de 1993, na mesa-redonda internacional "Medio Rural en Lusitania Romana. Formas de Habitat y Ocupación del Suelo", realizada na Universidade de Salamanca.

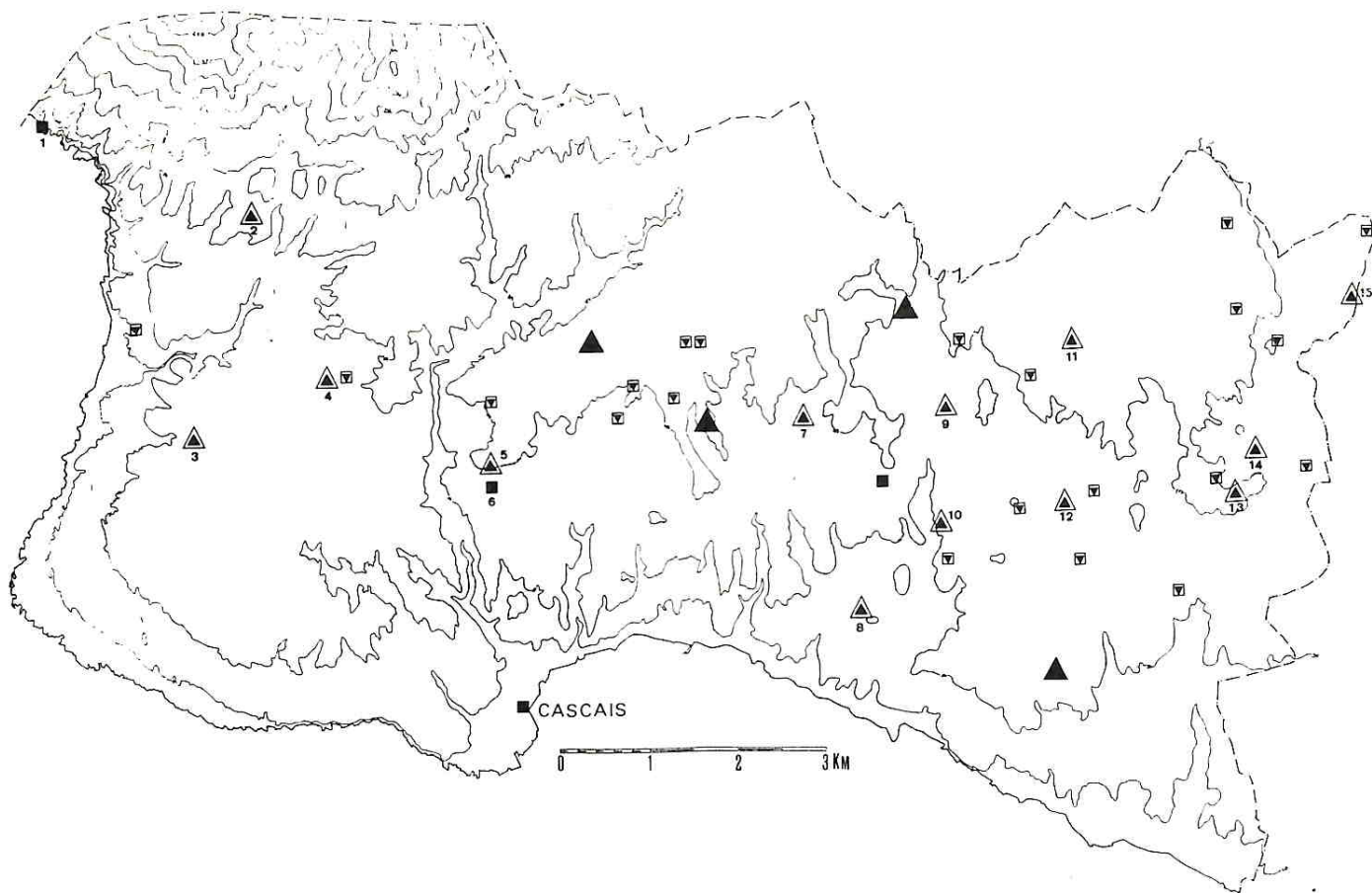


Fig.1-1. Espigão das Ruivas; 2. Miroiços da Malveira; 3. Casais Velhos; 4. Vilares (Aldeia de Jusó); 5. Alto do Cidreira; 6. Bom Sucesso; 7. Zabrizes; 8. Alapraia; 9. Miroiço; 10. Caparide; 11. Casal do Clérigo; 12. Tires; 13. Outeiro; 14. Freiria; 15. Talaide.

O segundo factor a ter em conta foi, sem dúvida, a salubridade, de acordo, aliás, com os preceitos de Columela (1, 5, 6): a *villa* deve estar longe do mar, porque o ar do mar não é saudável. Arejado, portanto, longe dos maus humores ... (4)

Não nos repugna, ainda, apontar como terceiro factor as eventuais necessidades de defesa e vigilância. Duma *villa* acabam por avistar-se mais duas ou três, o que permitiria uma comunicação rápida por sinais, em caso de um qualquer ataque marítimo. Nesse aspecto, a *villa* do Alto do Cidreira goza de uma posição verdadeiramente privilegiada, pois dela se abarca facilmente todo o estuário do Tejo e praticamente toda a costa até às faldas da Serra de Sintra. Casais Velhos, por seu turno, poderia vigiar todo o areal da (actual) praia do Guincho. E se recordarmos que, afinal, como é sabido, os ataques por via marítima não eram tão raros como à primeira vista se poderia pensar, talvez, de facto, este último aspecto, o defensivo, não tenha sido então despreciado.

2. OS SÍTIOS DA OCUPAÇÃO ROMANA

Posto isto, cumpre-nos delinear dois ou três dos traços gerais que caracterizam alguns dos sítios da ocupação romana em Cascais. Começemos de pente para nascente.

Espigão das Ruivas

O Espigão das Ruivas está sobranceiro ao mar, onde mergulha o sopé da Serra de Sintra.

À superfície desse penedo, hoje - por força da erosão eólica, pluvial e marítima - destacado da encosta, identificámos, em recente campanha de sondagens arqueológicas, suficientes vestígios duma ocupação que procede dos tempos pré-históricos e se prolonga pela época romana.

A escassez dos materiais e das estruturas identificáveis impede-nos de garantir qual o tipo de assentamento ali existente. A possibilidade de ali se ter edificado o celebrado templo ao Sol e à Lua permanece, assim, por demonstrar, mas a remota

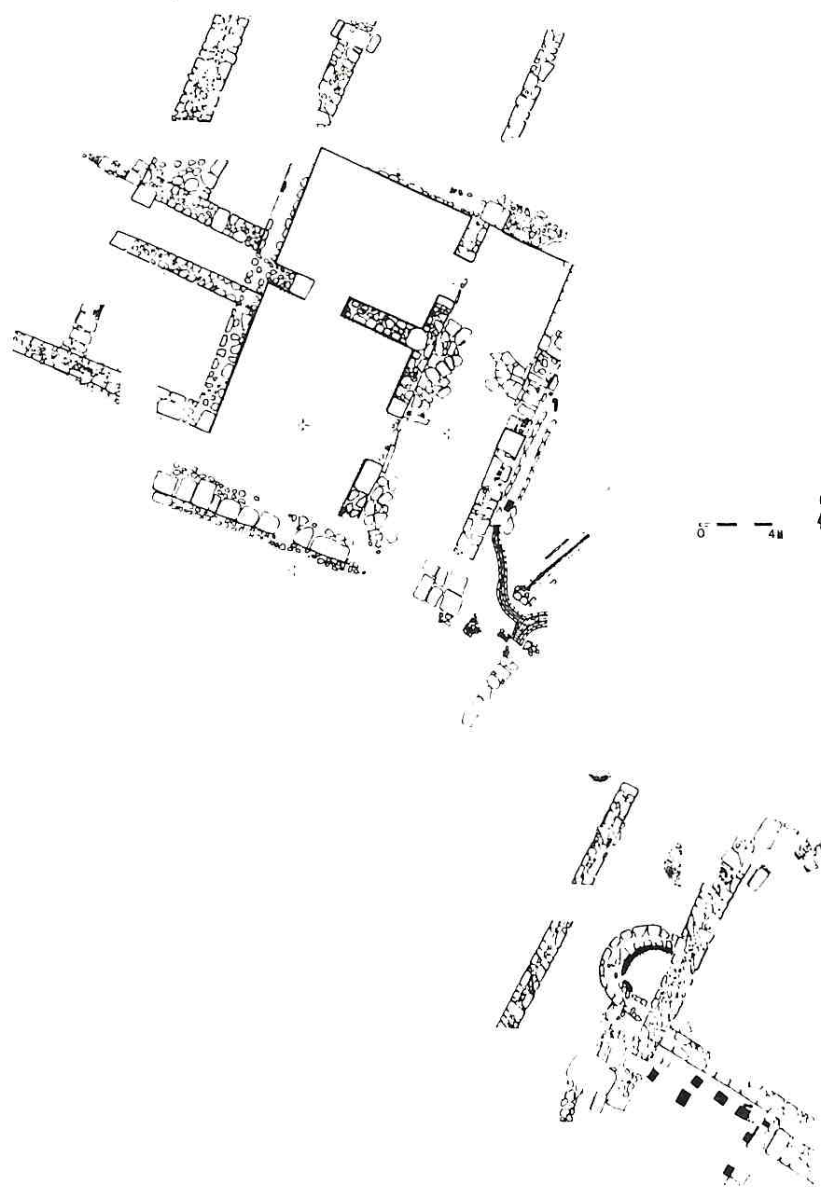


Fig. 2- Planta da área escavada do Alto do Cidreira; piso térreo da domus e zona termal (desenho de Severino Rodrigues).

tradição que anda ligada ao local bem como a designação de Porto Touro, dada ao pequeníssimo porto de abrigo que lhe fica adjacente, decerto são fundamento da sua muito antiga importância (Cardoso 1991, 20).

Na vila de Cascais

Na vila de Cascais, em pleno centro urbano, apenas se haviam encontrado, até 1992, materiais avulsos, cuja proveniência exacta se desconhecia. Aliás, sendo a vila um porto de mar, sito na desembocadura da Ribeira das Vinhas, fácil era supor

que boa parte desses materiais proviesse de passagens ocasionais da população. Constituiu, por isso, uma agradável surpresa a descoberta, no sítio do Castelo, de tanques de salga e de um capitel, o que indicia uma ocupação do local com finalidades «industriais» e também habitacionais (5).

Poder-se-ia pensar que estas duas primeiras referências não vinham agora a propósito, pois que é o meio rural que nos ocupa. Sucede, porém, que persistem nas *villae* elementos que nos autorizam a pensar numa complementariedade económica: se, por um lado, a exploração agropecuária se tornou preponderante, por outro, a pesca e a apanha de

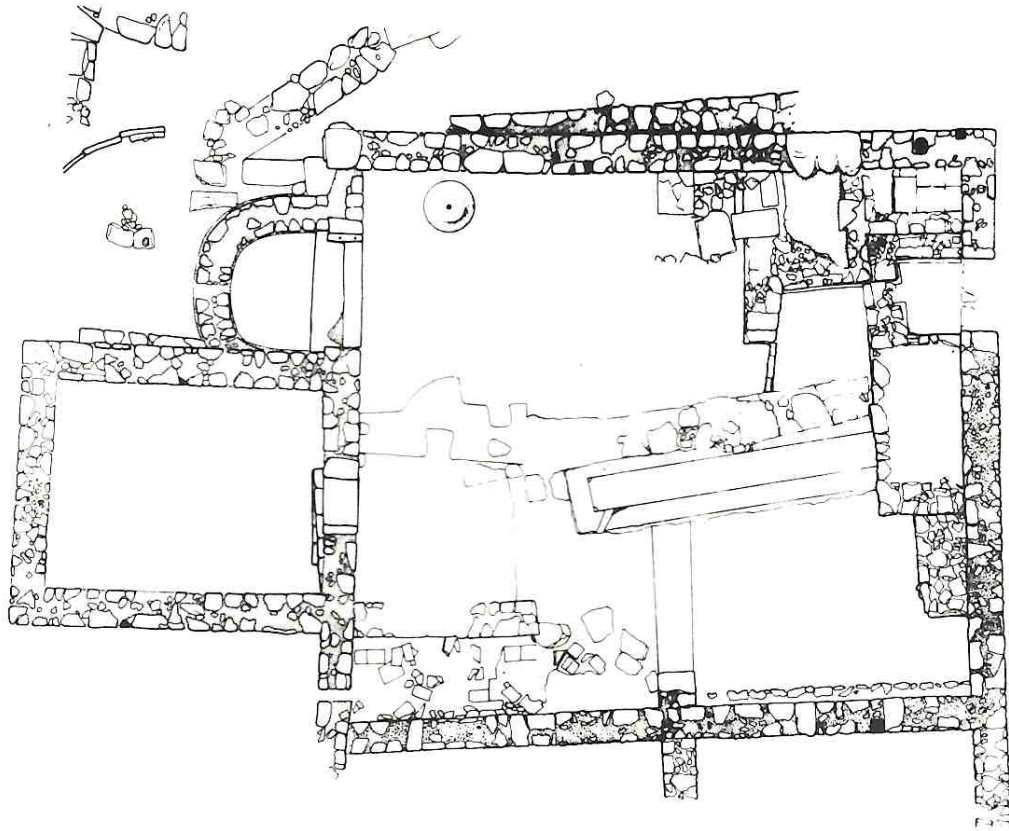


Fig. 3- O lagar da *villa* de Freiria (desenho de Severino Rodrigues).

moluscos, com objectivos alimentares ou industriais, nunca deixaram de existir. Em Casais Velhos, de que falaremos a seguir, identificou-se inusitada quantidade de conchas de múrex; as sondagens do Alto do Cidreira forneceram um anzol de bronze; um dos pavimentos da *pars rustica* de Freiria era constituído essencialmente por conchas dos mais variados moluscos, num hábil aproveitamento destes resíduos como aglutinante calcário. Por outro lado, em todas as *villae* se identificaram, como, de resto, é normal, inúmeras conchas de ostras.

Casais Velhos (6)

Casais Velhos é um sítio cujas características exactas ainda estão por definir, porquanto a estação apenas foi alvo de intervenções pontuais, sem que se visse oportunidade - mormente por razões de protecção - de, por enquanto, se proceder à sua escavação integral.

Conhece-se o traçado do aqueduto que abastecia o povoado (hesitamos em chamar-lhe *villa*); foram identificados um grande tanque (*natatio*?),

a zona termal e um lagar. Mas a possibilidade de estarmos perante uma área de finalidades «industriais» colhe argumento favorável da existência, em exíguos compartimentos, de pequenas tinas revestidas a *opus Signinum* e dotadas de um sistema de tapamento hermético. Tais características apontam para estes recipientes uma função de «cozimento» de algo sob pressão, sem perda de energia nem emanção de vapores. O facto, a que já nos referimos, de se ter encontrado, numa lixeira sita indubitavelmente em níveis romanos, grande quantidade de conchas de múrex levou Veiga Ferreira e D. António Castelo Branco a aventarem a hipótese de estarmos perante uma *purpuretica*. A hipótese é aliciante, poderá ser confirmada com as descobertas por fazer quando houver condições para se proceder de novo a trabalhos arqueológicos sistemáticos no local.

Convém, além disso, não esquecer dois outros pequenos argumentos que poderão militar a favor dessa proposta.

Todo o vale a que, para sul, o povoado fica sobranceiro, se abre em direcção ao mar. Era, em

tempos não muito remotos, o leito de um curso de água; mais adiante, uma nascente de água abastecia, até há quatro décadas atrás, a vizinha povoação de Areia, cujos habitantes, de resto, ali se deslocavam, inclusive, para lavar roupa. E esse era, também, o seu normal percurso até à costa, aonde iam pescar e apanhar marisco.

Por outro lado, deve ter-se em consideração que a maior parte da vegetação natural do concelho de Cascais, nomeadamente na zona em que se localizam os Casais Velhos, é constituída, como já dissemos, por carrascais, onde predomina o carrasco, ou seja, a *quercus coccifera* (Vasconcellos 1964, 10). O seu nome deriva, como é sabido, de ser o hábitat privilegiado do *coccum*, a grã, espécie de cochonilha a que já Plínio-o-Antigo se referiu, na sua *Naturalis Historia* (9.141), sublinhando: «circa Emeritam in Lusitania in maxima laude est». Não terá sido apenas nas proximidades de Mérida, mas também nesta zona ocidental da chamada península de Lisboa. A fêmea deste insecto hemíptero - vulgarmente designado pulgão - instala-se nas folhas do carrasco e aí forma, para sua protecção, o quermes, uma excrescência vermelha e redonda que, submetida a processos de infusão, origina um líquido escarlate próprio para tinturaria.

Múrex e grã poderão ter sido, pois, em Casais Velhos, as matérias-primas duma «indústria» tintureira cuja elevada procura, ao tempo dos Romanos, não carece demonstração. A existência dessa actividade - cujos incómodos odores hoje não hesitaríamos em classificar de poluentes - justificaria também a relativa pequena extensão do povoado e, também, a sua localização num sítio arejado.

Alto do Cidreira

Procedemos a algumas sondagens aqui, a fim de nos apercebermos da sua real importância e da oportunidade (ou não) de zelarmos pela sua preservação. Os resultados obtidos, designadamente em termos de espólio, foram surpreendentes e, por isso, o sítio foi oficialmente classificado, aguardando-se apenas uma decisão do município local para se avançarem medidas concretas de valorização.

Trata-se, sem dúvida, de uma *villa* de que identificámos parte da *domus* senhorial - quiçá o piso térreo - que teria sido pavimentada a mosaico polícromo; e a zona termal, de reduzidas dimensões. Na encosta meridional (Bom Sucesso) tinham sido vistos, nos princípios do século, tanques que, pelas descrições que deles nos deixaram, se nos afiguram comparáveis aos dos Casais Velhos, pelo

que uma função idêntica não será, porventura, hipótese a menosprezar.

Do espólio exumado, permita-se-nos que destaquemos os utensílios ligados à tecelagem (Nolen 1988, 67-68): uma tabuinha de tecelagem, um separador de tear decorado geometricamente e diversos fragmentos de agulhas. E, pelo seu carácter singular, a minimáscara de terracota (22 x 24 mm) representando um negro.

Miroiços

Existem, no actual concelho de Cascais, pelo menos dois microtopónimos com esta designação, que significá «amontoado de pedras». Não admira, por isso, que ambos coincidam com a presença de *villae* romanas: os morouços (ou «miroiços» na linguagem popular) resultam precisamente do amontoar, ao longo dos tempos, das pedras que, por via dos trabalhos agrícolas, o arado ou a charrua vão arrancando aos muros romanos subjacentes.

Do Miroiços - ainda por escavar - sito no pequeno planalto a sudeste da povoação de Malveira da Serra, refira-se, de modo particular, a posição estratégica e o achamento de uma laje, o chamado «tacho de pedra» onde, no lugar, se empilhavam as seiras. Do outro, sobranceiro ao fertilíssimo vale de Caparide, a quantidade de fragmentos cerâmicos identificados à superfície dos terrenos de lavoura e a extensão por que se espalham sugere que estaremos perante um dos mais notáveis sítios arqueológicos romanos do concelho.

Caparide

Em torno do vale da Ribeira de Caparide os vestígios romanos abundam. Já foram identificados pavimentos em mosaico e aguardam-se condições favoráveis para se proceder aí a uma prospecção cuidada. O topónimo deriva, como se sabe, do colectivo latino tardio *capparitus*, formado a partir do nome comum de etimologia grega, *kápparis*, «alcaparra» (Encarnação & Cardoso 1981-1982) - o que denuncia a existência de uma produção hortícola desenvolvida.

Casal do Clérigo

Casal do Clérigo, localizado numa fértil planície entre Carrascal de Manique (donde procede uma ara votiva) e a actual povoação de Trajouce, arrisca-se a ser igualmente uma assinalável *villa*, sobretudo se tivermos em conta também a quan-

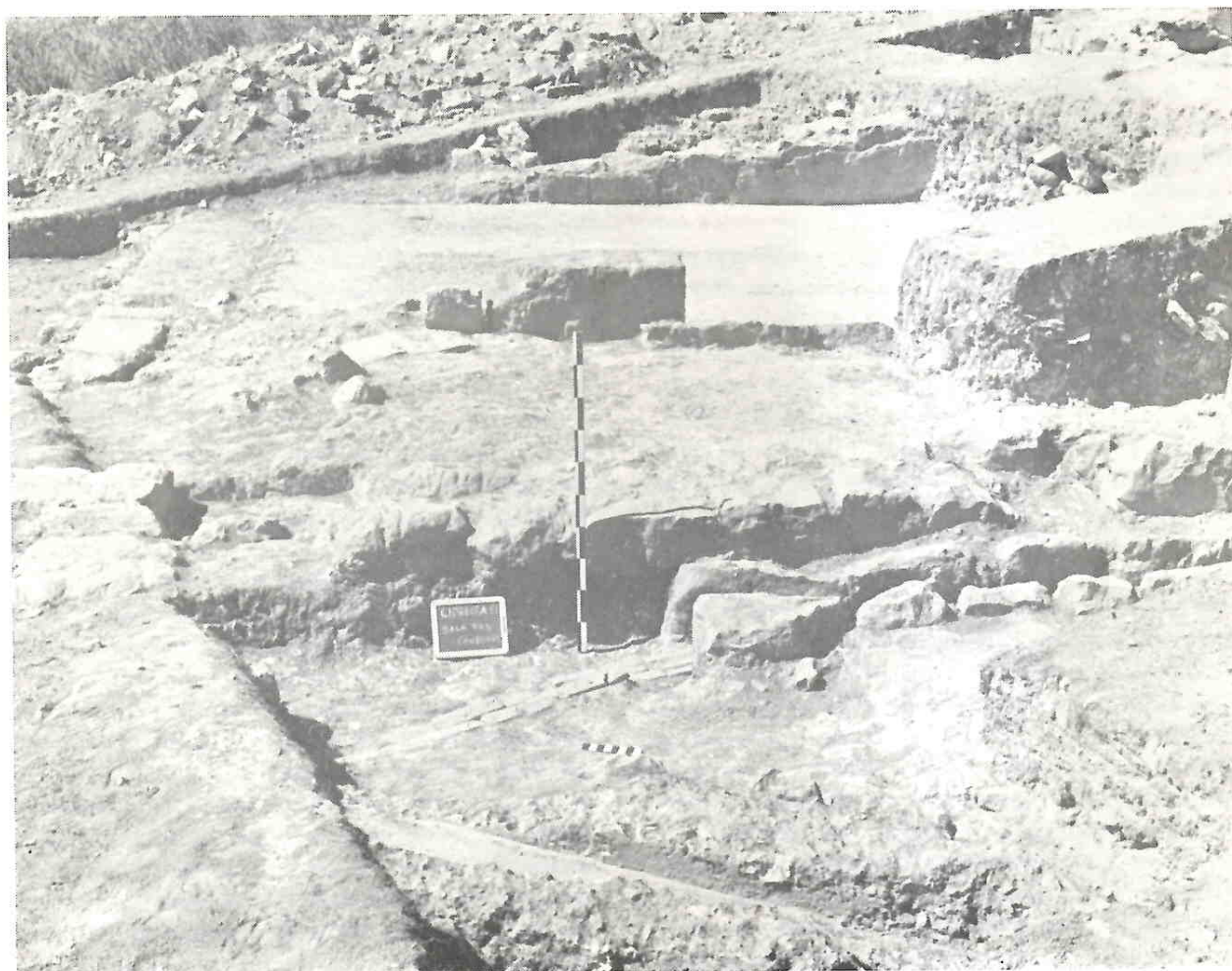


Fig. 4.1- Vista parcial (de nascente para poente) da *villa* do Alto do Cidreira.



Fig. 4.2- Panorâmica do lagar de azeite da *villa* de Freiria, vendo-se os tanques, a zona de apoio da prensa (à direita) e o peso do sarilho mais além.

tidade de materiais arqueológicos visíveis pelo terreno, a circunstância de ali se terem encontrado lápides funerárias e de lhe passar ao lado a antiquíssima estrada real que ligava Oeiras a Sintra.

Outeiro

A villa do Outeiro é de pequenas dimensões; goza de posição privilegiada sobre uma colina, bem perto de grande afloramento basáltico. Também dela está em curso o processo de classificação como imóvel de interesse público pois, resultantes de meras recolhas de superfície, daí provieram mais de duas dezenas de pesos de tear e tijolos de quadrante para colunas.

3. FREIRIA

Não valerá a pena repetir o que ainda recentemente (Cardoso & Encarnação 1991) escrevemos sobre esta villa (7).

De média dimensão, moldada segundo as sábias prescrições de Columela, a villa de Freiria poderá, na verdade, representar um caso típico, justamente porque tem sido possível proceder à sua escavação sistemática, dando prioridade às partes rustica e fructuaria.

Apesar de ainda a não termos escavado na totalidade, podemos desde já afirmar que a domus se articula em torno de um peristilo dotado de pequenos tanques de caprichoso recorte, sem prejuízo de um pequeno átrio, a noroeste, constituir também um segundo núcleo de vivência. O pavimento assenta directamente sobre a laje natural e o leve declive do terreno era vencido pela existência de breves degraus. Compartimentos mais nobres seriam pavimentados a mosaico polícromo (de desenho geométrico o único que, até ao momento, identificámos in situ). Pela graciosidade do capitel de tipo coríntio que encontrámos intacto e pela sóbria, mas interessante, decoração geométrica dum dos seus lintéis, poderemos ajuizar do ambiente requintado em que o proprietário desejaria movimentar-se diariamente.

Da zona termal junto à domus - salvo se algo mais encontrarmos para poente - pouco se pôde salvar. Situada a sudeste da casa senhorial, dela nos restam, por enquanto, dois tanques do frigidarium com a respectiva rede anexa de canais de abastecimento e de saneamento; a zona do praefurnium e, já praticamente desfeito, o sítio das banheiras semicirculares servidas pelo hipocausto.

Para nascente da domus, situa-se o lagar de

azeite, tendo in situ o peso do sarilho (sucula) que prendia a trave do prelum. Adivinha-se, pela extraordinária compacidade da plataforma que lhe fica adjacente, para poente, que ali se teria localizado a prensa (torcular), devendo o madeiro apoiar-se do lado nascente. Dois pequenos tanques revestidos a opus Signinum, exterior e interiormente, e dotados de uma concavidade central, destinaram-se à recolha do azeite.

Pode quase dizer-se que, no actual momento da pesquisa, o celeiro (horreum) ocupa o centro da propriedade. E talvez essa posição central não venha a alterar-se, até porque poderá corresponder, de facto, a uma intenção. Construído, também ele, segundo os modelos clássicos preconizados pelos agrónomos - em lugar seco e arejado, com alicerces cuidados em jeito de caixa de ar para evitar infiltrações da humidade, pavimentado a lajes e coberto de colmo, protegido do vento norte por um paredão que limita o pátio onde, decerto, se passavam os gatos - o celeiro de Freiria impõe-se pelas suas dimensões (ocupa cerca de 160 metros quadrados). De resto, em determinada altura, ele teve de ser acrescentado, para ver aumentada a sua capacidade.

O celeiro ocuparia o lado direito (nascente) do grande acesso principal da villa. Situados, de cada lado, à entrada do portão, os dois bebedouros para os animais.

Do lado sul fica outro lagar, também ele de consideráveis dimensões. A villa assumia-se, desta sorte, como um centro de armazenagem e de transformação dos produtos agrícolas dos arredores, quer provenientes de terras próprias quer de arrendatários ou mesmo de produtores independentes que se poderiam servir - como ao longo dos tempos sempre aconteceu até à actualidade - do lagar daquele senhor. Lagar de vinho ou lagar de azeite? Falta-nos aperfeiçoar a análise das várias remodelações sofridas pelo edifício; falta-nos compulsar pacientemente bastante bibliografia para optarmos (se é que é possível) entre as duas funcionalidades. Na verdade, se a zona de combustão, no canto sudoeste da grande sala, sugere o local para a chamada «cozedura» do azeite ou para o aquecimento da água, o longo e estreito tanque de decantação que se dispõe obliquamente no interior dessa mesma sala induz-nos a pensar de preferência em operações de prévia fermentação, relacionadas, portanto, com os processos vinícolas. A questão fica em aberto.

Serve a villa abundante e - até há bem pouco tempo - excelente (em qualidade) caudal de água



que brota duma fenda da rocha, no pequeno vale a sul. Aí se situa um tanque-represa, com 11 m de comprimento, 2,40 m de largura e uns 70 cm de altura. Poderá ter servido de natatio, ilustrando na antiguidade uma plurifuncionalidade ainda hoje patente em algumas quintas dos arredores de Lisboa, mas decerto que a sua função primordial foi a de reter as águas para irrigação de hortas e para o gado.

4. A ACTIVIDADE ECONÓMICA

Já deixámos antever em quanto atrás fica dito quais as actividades económicas a que se dedicavam os habitantes de Cascais durante a época romana. Sintetizemo-lo agora, de forma mais sistemática (8).

Ocupou lugar de destaque a produção cerealífera, aproveitando, como se disse, a excelente qualidade dos solos, só comparável em produtividade à dos chamados «barros vermelhos de Beja», também eles altamente aproveitados na época romana. São disso prova o celeiro de Freiria - a pôr em paralelo, como também já se disse, com o que Enrico Cerrillo Martín de Cáceres identificou em Monroy (1984, 100-102) - e a grande quantidade de mós (mola manuaría) achadas em praticamente todas as villae.

A olivicultura está, igualmente, em lugar cimeiro. De resto, aliada ao achamento de vários pesos

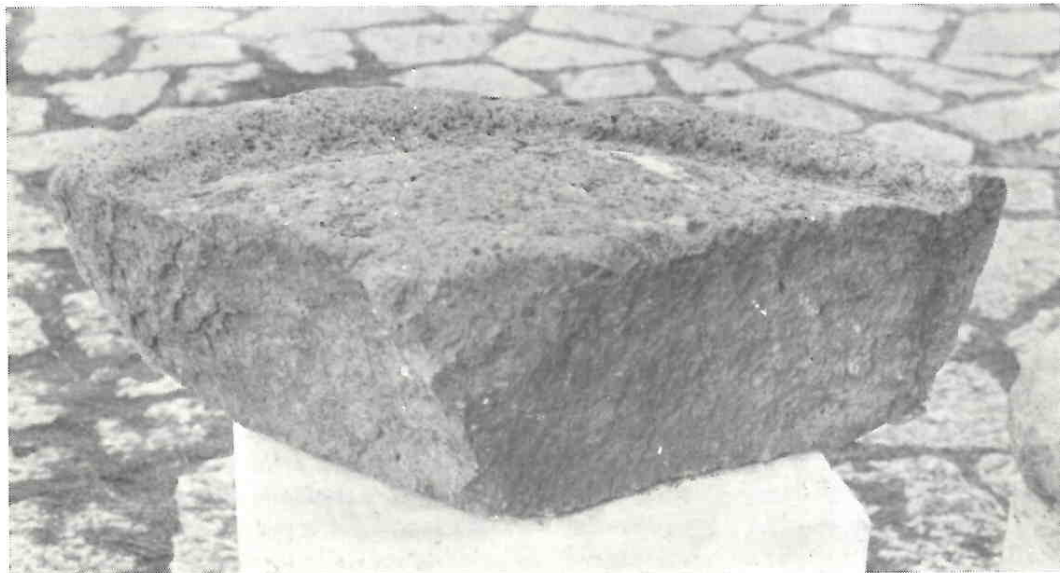


Fig. 5.1- Peso de lagar proveniente dos Casais Velhos (em exposição no Museu dos Condes do Castro Guimarães, em Cascais).

Fig. 5.2- «Tacho de pedra» para assentamento das seiras em lagar de azeite, procedente da *villa* de Miroiços da Malveira.

de lagar romanos - para além do de Freiria - está a circunstância de abundarem ainda hoje na paisagem os zambujeiros e a ocorrência de topónimos como Zambujeiro e Zambujal. Já tivemos ocasião de salientar a importância desta produção, na comunicação que, a propósito de alguns tipos de ânforas romanas identificadas no concelho de Cascais, apresentámos, de parceria com João Cabral e Severino Rodrigues, às I Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado (Seixal, 13-15/12/1991), a publicar nas respectivas actas. Aí nos referimos, inclusive, ao papel que poderá ter tido o olisiponense M. Cassius Sempronianus, conhecido diffusor olearius ou seja, intermediário no comércio do azeite. De que azeite era ele o diffusor? - acaso se poderá perguntar. Do da Bética ou do da península de Lisboa? Ao certo, não o sabemos. Se calhar, era-o dos dois (9).

A vitivinicultura seria, também, ocupação dominante, mesmo que não consigamos provar que o lagar sul de Freiria se destinou primordialmente à produção de vinho. É que importa não esquecer as excelentes condições do sítio para a produção vinícola, ainda hoje comprovada pela existência de um famoso vinho generoso, o carcavelos.

Os dois bebedouros da villa de Freiria prendem-se directamente com a criação do gado, mormente do gado vacum, caprino e ovino (de resto, ainda hoje tradicional na região). Para além de fonte de alimentação, os animais forneceriam couros e lã, matérias-primas essenciais para as indústrias dos curtumes e dos têxteis. Já a essa problemática nos referimos de modo especial quando discutimos a utilização das tinhas de Casais Velhos e Cidreira. Acrescente-se agora a menção à presença constante de variados pesos de tear, do já referido separador

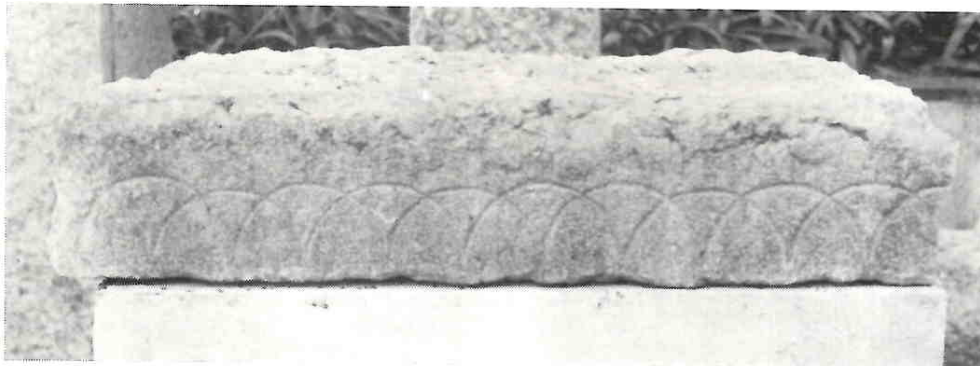


Fig. 6.1- Lintel decorado procedente da domus senhorial da *villa* de Freiria.

Fig. 6.2- Mós em exposição no Museu dos Condes de Castro Guimarães; provêm (da esquerda para a direita): de Freiria, do Outeiro e do Casal da Lobeira (as duas últimas).

de tear (no Alto do Cidreira) e, sobretudo, da enorme variedade de agulhas, designadamente em Freiria, com um ou dois furos, com furo e ranhura, redondas, achatadas, de osso ou de bronze, destinadas certamente a uma pluralidade de usos. Registe-se, ainda, como nota importante a circunstância de figurarem no espólio de uma das sepulturas de Casais Velhos uma espicha e uma agulha de bronze, símbolo decerto da actividade desenvolvida pela defunta.

Como também já tivemos ensejo de salientar (Cardoso & Encarnação 1991, 20), a identificação de um depósito de matéria-prima para a preparação de opus Signinum num dos corredores da domus senhorial de Freiria bem como a grande quantidade de cal em pedra amontoada junto ao lagar sul comprovam a ideia, já de há muito sugerida, que era no próprio local que se preparava boa parte dos materiais utilizados para a construção. Nas sondagens rápidas e incompletas a que fomos forçados a proceder no Casal da Lobeira, perto da povoação do Livramento (freguesia do Estoril), um outro dado se nos afigurou passível de estar doravante presente nas nossas investigações. É que o sítio - possivelmente uma villa também de finalidades primordialmente agrárias (provêm daí duas mós) - poderia ter tido como fonte de riqueza a exploração dos ricos filões de ocre vermelho e amarelo que lhe ficam ao pé. Não nos foi possível de confirmar - porque as obras da auto-estrada tudo haviam revolvido - se as galerias abertas no solo poderiam, ou não, remontar à época romana, o que, diga-se de passagem, também seria particularmente difícil mesmo em circunstâncias normais. De qualquer modo, tratava-se de uma exploração antiga e a proximidade de vestígios de uma villa levou-nos a formular esta hipótese - que carece, evidentemente, de outros termos de comparação que porventura a venham ratificar.

5. A CULTURA

Quem são as gentes que, ao tempo do Romanos, vivem neste território?

Os dados colhidos nos poucos epitáfios e nos demais monumentos epigráficos até agora documentados no concelho apontam para uma precoce aculturação onomástica. Persistem alguns cognomes etimologicamente pré-romanos mas, a par da pertença à tribo Galéria (de Olisipo), os gentílios representados ou são Iulius ou trazem ecos doutras paragens que não peninsulares (Lopes & Encarnação

1991). Sirva-nos de exemplo a dedicante da ara à divindade indígena Aracus Arantus Niceus que se identifica com o gentílico em sigla, cognome bem latino e o patronímico no final e à maneira indígena, inclusive sem a menção filia: I(ulia) Maxuma Auvi.

Prestam culto a divindades indígenas, às quais eventualmente erigem santuários ou destinam um local sagrado para a celebração dos seus mistérios (cf. Encarnação 1985-1986). É o que se passa com T. Curiatius Rufinus, decerto um descendente de colonos (dado ostentar um clássico gentílico alheio à Península Ibérica e um cognome que, embora latino, é mui corrente em Olisipo) que oferece um altar a Triborunnis, seguramente um númen de carácter pré-romano, a pôr em paralelo com os teónimos Trebaruna e Trebaronna que identificam seguramente a mesma divindade mediante designações parecidas (Encarnação 1985).

Utilizam como monumento funerário as cupas estilizadas, com inscrição no topo; os cipos de ampla conotação honorífica que viram nas suas cidades de origem; ou as altas estelas de topo arredondado que também constituem uma reminiscência itálica. Um dos proprietários de Freiria inspira-se na escultura local - ou aproveita uma pré-existente - e faz dela uma carranca para, em jeito de *Cave canem*, a pôr sobre um dos pilares do seu portão. Do outro lado, quiçá, o quadrante solar que encontramos quase completo e que fora encomendado expressamente para aquele local. Uma preocupação estética, sem dúvida; mas também a implantação de uma certa disciplina, de uma compassada ocupação do tempo, de uma regrada organização do trabalho - tudo índices, portanto, de uma cultura já avançada.

Afinal, a sensação que nos fica, ao vermos como esta gente se identifica e os rastros que de si quis deixar, é a de que, sendo cidadãos romanos na sua maior parte, bem instalados no terreno e na vida, não parece que tenham vivido, aqui, demasiadamente à sombra do empório comercial *Olisipo* que cedo se terá constituído. Talvez *Olisipo* mais dependa das *villae* do que os seus proprietários dependam da cidade.

Residências secundárias de quem vive a maior parte do tempo em ambiente urbano também não parecem ser (10).

Sentimos - talvez seja este, quiçá um sentido hodierno e não romano - que se vive relativamente junto à cidade mas, no fundo, independentemente dela.

NOTAS

1- Sobre o revestimento vegetal da região, cf. Vasconcellos 1964 e Sequeira 1989; para os aspectos geológicos, Zbyszewski 1964 e Real 1989.

2- Estamos a recordar o que o próprio Luís Mendes de Vasconcelos eloquentemente proclamou nos seus *Diálogos do Sítio de Lisboa*: ver, a este propósito, por exemplo, Encarnação 1969 e 1987.

3- Sobre o papel marítimo de *Olisipo*, cf., por exemplo, Vasco Mantas, «Notas acerca de três inscrições de Olisipo», *Conimbriga* 15, 1976, 151-169.

4- Cf. a este propósito, Hentz 1980, mormente pp. 153-156. Ver também Croisille 1978, 833-839 (onde analisa o livro X de Columela).

5- Cf. a reportagem feita pelo jornal *Público* (edição de Lisboa), de 3 de Novembro de 1992 (p. 54) e a nota, da autoria de Guilherme Cardoso, inserida no nº 1 (II série), Dezembro 1992, da revista *Al-madan* (p. 95), sob o título «Cetárias colocadas a descoberto em Cascais». «Esta descoberta - escreve G. Cardoso - coloca para já em evidência a utilização de Cascais como zona produtora de salga de peixe, na época romana, e a existência de uma comunidade fixa que, até ao momento, era impossível de confirmar através dos poucos vestígios, encontrados até então, desse período».

6- A fim de evitar a multiplicação de notas, omitem-se as referências bibliográficas sobre cada um dos sítios, remetendo para o livro de Guilherme Cardoso, *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*, Cascais, 1991, onde ela vem devidamente explicitada e é facilmente identificável. O autor retoma aí - e completa - toda a bibliografia sobre a época romana no concelho de Cascais que inserimos em Cardoso & Encarnação 1990, 14-16.

7- Sobre a campanha de 1992 na *villa* romana de Freiria, cf. a brevíssima nota que inserimos no nº 1 (II série), Dezembro de 1992, da revista *Al-madan* (p. 93).

8- Como já anotámos, as conclusões a que chegámos não diferem em muito - nem poderiam diferir - daquelas a que José Cardim Ribeiro chegou para toda a zona ocidental do município olisiponense: cf. a série de artigos que, sob o título genérico «Romanização e romanidade na 'zona W' do município olisiponense», publicou no *Jornal de Sintra* de 27/10/1989 a 23/3/1990; veja-se, de modo especial, o capítulo 4.2 (aspectos económicos e da vida quotidiana) desenvolvido a partir de 2/2/1990.

9- Referimos, neste apontamento, os trabalhos mais recentes sobre este assunto e, designadamente, sobre *M. Cassius Sempronianus* inseridos no volume de homenagem a Robert Étienne (*Revue des Études Anciennes* 88, 1986): «À propos de Marcus Cassius Sempronianus Olisiponensis, *diffusor olearius*», de Marie-France Loyszance (pp. 273-284); e «L'huile de Bétique sur un itinéraire annonaire», de Patrick Le Roux (pp. 247-271). As opiniões aqui expendidas por este último autor foram recentemente criticadas por José Remesal Rodríguez: «Sextus Iulius Possessor en la Bética», *Alimenta* (Estudios en homenaje al Dr. Michel Ponsich), Gerion, Anejos III, Madrid, 1991, 281-295.

10- Recorde-se, a este respeito, o que preconiza Columela no que concerne à rendibilidade da *villa*: os proprietários que se deixam seduzir pelos prazeres da vida citadina têm tendência a abandonar as suas *villae* aos escravos, que «mais pensam em pilhá-las que em as cultivar. Só as explorações em redor das *villae* suburbanas que o senhor pode visitar todas as tardes não sofrem em demasia com as suas ocupações na cidade» (Étienne 1978/1979, 210).

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, Guilherme: *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*, Cascais, 1991.
- CARDOSO, Guilherme, e ENCARNAÇÃO, José d': «Cascais no tempo dos Romanos», *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, 1, 1990, 59-74.
- CARDOSO, Guilherme, e ENCARNAÇÃO, José d': «Certezas e incertezas no estudo da *villa* romana de Freiria», *Arquivo de Cascais*, 10, 1991, 15-26.
- CROISILLE, Jean-Michel: *Poésie et Art Figuré de Néron aux Flaviens (Recherches sur l'Iconographie et la Correspondance des Arts à l'Époque Imperiale)*, II, Université de Lille III, 1978.
- ENCARNAÇÃO, José d': «Os Diálogos do Sítio de Lisboa de Luís Mendes de Vasconcelos», *Olisipo*, 125-126 (Janeiro-Junho 1969), 37-51.
- ENCARNAÇÃO, José d': «Ara votiva de Cascais», *Ficheiro Epigráfico*, 6, 1983, nº 24.
- ENCARNAÇÃO, José d': «Ara votiva a Triborunnis», *Ficheiro Epigráfico*, 14, 1985, nº 59.
- ENCARNAÇÃO, José d': «Omissão dos teónimos em inscrições votivas», *Veleia*, 2-3, 1985-1986, 305-310.

- ENCARNAÇÃO, José d': «Um elogio político: Cascais visto por frei Nicolau de Oliveira», *Arquivo de Cascais*, 6, 1987, 85-97.
- ENCARNAÇÃO, José d' e CARDOSO, Guilherme: «Caparide ao tempo dos Romanos. Uma inscrição inédita», *Arquivo de Cascais*, 3, 1981-1982, 87-95.
- ÉTIENNE, Robert: «Production vinicole et esclavage chez Columelle», *Index*, 8, 1978/1979, 206-213.
- HENTZ, Gustave: «Terre et paysans de l'Italie du I^{er} siècle après J. C. vus par un grand propriétaire-exploitant: Columelle», *Ktema*, 1, 1980, 151-160.
- LOPES, Maria da Conceição, e ENCARNAÇÃO, José d': «Epitáfio romano achado em Tornada (Caldas da Rainha)», *Ficheiro Epigráfico*, 37, 1991, nº 170.
- MARTÍN DE CÁCERES, Enrique Cerrillo: *La vida rural romana en Extremadura*, Cáceres, 1984.
- NOLEN, Jeannette U. Smit: «A villa romana do Alto do Cidreira (Cascais). Os materiais», *Conimbriga*, 27, 1988, 61-140.
- REAL, Fernando: «Esboço geológico e paleogeográfico do concelho de Cascais», *Um Olhar sobre Cascais através do seu Património*, I, Cascais, 1989, 67-83.
- SEQUEIRA, Eugénio Menezes: «Cascais e o seu património natural», *Um Olhar sobre Cascais através do seu Património*, I, Cascais, 1989, 47-66.
- VASCONCELLOS, João de Carvalho e: *Vegetação Natural do Concelho de Cascais*, Cascais, 1964.
- ZBYSZEWSKI, Georges: *Resenha Geológica do Concelho de Cascais*, Cascais, 1964.